



Um Estudo Sobre *Surplus: Terrorized Into Being Consumers*¹

Carolini Barbosa COVRE²

Alexandre Curtiss ALVARENGA³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O trabalho tem como objetivo a análise do filme documentário, mais especificamente a análise do filme *Surplus: terrorized into being consumers*, do diretor italiano Erik Gandini, lançado em 2003. O filme tem como tema principal a crítica a atual sociedade de consumo e sua insustentabilidade. O filme tem como diferencial o abandono da narrativa linear e o uso da linguagem televisiva, sobretudo a da publicidade e do videoclipe.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; videoclipe; montagem; sociedade de consumo.

TEXTO DO TRABALHO

Desde os primórdios do cinema, seus primeiros espectadores já se interessavam por filmes que não pertencessem ao mundo da ficção. Os chamados “filmes de viagem” ou “atualidades” são considerados o que seria a primeira forma do que conhecemos hoje como documentário. Desde seu surgimento, no início do século XX, muito tem se discutido a respeito do gênero, sobretudo a sua relação com a realidade. John Grierson, um dos pioneiros na teoria e na realização destes tipos de filme, em 1930 defendeu o documentário como “tratamento criativo da realidade”. Já o teórico Bill Nicholls afirma que estes são filmes que se envolvem com o mundo e que não são sua reprodução, mas sim uma maneira de representação específica com uma perspectiva específica (NICHOLLS, 2005).

Os filmes documentários não possuem uma técnica estabelecida. Ao longo de sua história, já foram experimentados as mais diversas maneiras de fazer filmes do gênero e certamente outras novas ainda serão testadas. O documentário - na verdade, o cinema - tem como maior característica a flexibilidade, como coloca Robert Stam "o cinema não

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. – Divisão Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Audiovisual da UFES, email: carolinicovre@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFES, email: alexcurtiss@uol.com.br



constitui uma linguagem amplamente disponível como um código (...) "falar" a linguagem cinematográfica é sempre em certa medida, inventá-la." (STAM, 2003). Na realização de documentários, existem cineastas que preferem adotar o clássico, com a utilização de entrevistas e narração em off, um exemplo é *Loki* (Paulo Henrique Fontenelle, 2008), documentário biográfico sobre Arnaldo Baptista, um dos fundadores da banda de rock brasileira Mutantes. Há também aqueles que optam por uma abordagem mais subjetiva como em *Os catadores e eu* (Agnes Varda, 2000), que utiliza a narração em primeira pessoa. Muitos documentários também trazem como proposta o questionamento do próprio gênero, como em *Jogo de Cena* (Eduardo Coutinho, 2007) filme no qual, pessoas diferentes, famosas e anônimas relatam as mesmas histórias, colocando à prova nossa crença no documentário.

O documentário que este artigo propõe analisar traz uma diferente proposta ao gênero. *Surplus: terrorized into being consumers*, foi lançado em 2003, dirigido pelo produtor e diretor italiano Erik Gandini e editado por Johan Söderberg. A peculiaridade da obra consiste no uso da linguagem televisiva, sobretudo a do videoclipe e da publicidade. Em pouco mais de cinquenta minutos de duração, o filme cria um argumento rítmico no qual faz críticas a atual sociedade de consumo. Ele utiliza de entrevistas e faz reapropriações, *remix*⁴ e *mashups*⁵ de sons e imagens, como as de discursos de importantes figuras políticas e palestras de mobilização de grandes corporações. Além disso, o uso da trilha - parte também criada por Söderberg - são usadas de forma pouco comuns no filme, em diversos momentos suas batidas funcionam como coordenadas para o corte das imagens. Em *Surplus*, o áudio é utilizado para ampliar o sentido e estreitar nossa relação com a imagem.

Erik Gandini e Johan Söderberg possuem uma filmografia voltada para a abordagem política. Em "*Sacrifício: quem traiu Che Guevara?*", co-dirigido com Tarik Saleh, trata sobre os acontecimentos acerca da morte de Che Guevara. "*Gitmo*" (2005), traduzido no Brasil como "*Guantanamo, as novas regras da guerra*", também foi dirigido em parceria com Saleh e trata sobre o presídio dos Estados Unidos em Cuba e "*Videocracy*" discute sobre a televisão italiana e seus impactos na população, na cultura e na política do país, além de apontar a forte influência do político italiano Silvio Berlusconi neste contexto.

⁴ Música modificada por outra pessoa ou pelo próprio produtor.

⁵ Criação de um novo produto a partir da união de dois ou mais elementos. O mashup pode ser de músicas e vídeos, no caso de *Surplus* os dois são utilizados.



Em *Surplus* é colocado em questão o atual estilo de vida da sociedade, que segundo o filme é pautado no constante trabalho e constante consumo. Para construir seu argumento Gandini utiliza do principal meio de difusão do consumismo: a televisão. Ele utiliza da linguagem do videoclipe e da publicidade para construir um discurso completamente oposto e anti-consumista. Ele vai mais afundo, pois além de subverter os gêneros televisivos utilizados para o incentivo ao consumo, ele também subverte as falas dos principais líderes do sistema capitalista como, George W. Bush, Sílvio Berlusconi e Bill Gates. O filme é dividido em blocos com entrevistas e blocos com pequenas sequências nas quais insere a linguagem televisiva.

Surplus inicia com imagens dos protestos organizados pelos movimentos antiglobalização que ocorreram em 2001 durante o encontro do G8⁶ na cidade italiana de Gênova. Enquanto nos é mostrado imagens do encontro - políticos como o já citado Silvio Berlusconi -, e do violento confronto entre manifestantes e a polícia armada que enfrenta e fere vários deles, ouvimos um discurso de Fidel Castro, que faz uma crítica ao consumismo, ao subdesenvolvimento, a pobreza a exploração excessiva dos recursos naturais e a dependência econômica dos chamados países de terceiro mundo. Fidel finaliza seu discurso falando sobre a necessidade da igualdade entre os países, ele afirma que a humanidade é uma só e que todos teremos o mesmo destino e que o caso o sistema não mude, o mundo ficará cada vez mais incontrolável. Ao passo que Fidel finaliza sua fala com tais palavras, sua voz fica cada vez mais baixa e enquanto o barulho de multidão fica mais alto, e as imagens que vemos agora são do auge do confronto. O que aparece na tela são as multidões, a fumaça e o caos do conflito.

Neste pequeno trecho, Gandini já entrega ao seu espectador o que será debatido ao longo do documentário: a insustentabilidade e falência do atual sistema de consumo e, sobretudo a necessidade da sociedade de se impor sobre ele. O G8, grupo no qual reúne os países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, significa na abertura do filme, o principal alvo da crítica, visto que são estes países são responsáveis pelo neocolonialismo e pela exploração excessiva dos recursos naturais. Ao ouvirmos a frase falada calorosamente por Fidel "*um mundo melhor é possível*" junto com imagens de manifestações, podemos levar a interpretação de que o possível mundo melhor pode ser obtido por meio da reação e da contestação. Gandini finaliza sua sequência inicial colocando o espectador diante de um embate de ideias: a de Berlusconi contra os

⁶ Reunião de países mais industrializados e desenvolvidos economicamente. Participam do G8 os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Canadá e Rússia.



protestos que causaram danos a propriedade e a do escritor anarquista John Zerzan que defende que dano a propriedade não é violência.

No que diz respeito montagem, a sequência inicial do filme é construída com ritmo e fluência, o emprego das imagens do G8 com as falas de Fidel introduzem o espectador ao filme e criam sua atmosfera. Como coloca Karel Reisz e Gavin Millar: “ritmo e montagem são uma condição prévia essencial para a montagem criativa, mesmo que não sejam fatores estéticos” (REISZ e MILLAR, 1978, p.143). O ritmo é responsável por guiar o espectador na obra e em *Surplus* o conduz de forma intensa, devido à montagem acelerada e o constante choque de ideias.

Após a introdução citada acima, *Surplus* se organiza com base em dois fatores: o primeiro consiste no uso de entrevistas com John Zerzan, com o dono de uma fábrica de bonecas, com a cubana Tania que ao viajar para a Europa entrou em choque com a diferença entre os sistemas, e com o jovem milionário Svante; o segundo fator encontra-se nas inserções de sequências de montagem rítmicas, como pequenos videoclipes. Ele utiliza *mashups*, *loopings* (repetições) de frases e tem como principal objetivo o contrapondo das ideias consumistas e não consumistas.

Gandini entrevista três personagens com distintas realidades. O primeiro é o filósofo e escritor anarquista norte-americano John Zerzan, autor de “*Elementos da Rejeição*”, “*Futuro Primitivo*”, “*O Crepúsculo das Máquinas*”, entre outros. Segundo ele, a população em geral é aterrorizada pelo consumismo, a atual sociedade vive apenas para trabalhar e consumir. Zerzan afirma desejar o fim e a queda de todas as indústrias, visto que essas destroem o mundo e a natureza. O documentário ilustra a entrevista com imagens de fábricas e enormes montanhas de lixo.

Outra colocação feita por Zerzan é a influência da tecnologia na vida das pessoas. Em contraponto com uma fala de Bill Gates sobre o futuro promissor do avanço tecnológico, onde as pessoas poderiam ter mais conforto e tempo livre, pois trabalhariam em casa, Gandini insere a fala de Zerzan que afirma que vivemos com “uma coleira eletrônica” e que por conta de ser possível acessar informações em praticamente qualquer lugar, estamos trabalhando sempre. Ele questiona também o fato das pessoas acreditarem que possuem acesso a variedade e liberdade de escolha, quando na verdade o que decidimos são apenas marcas e produtos.

Jonh Zerzan defende os protestos com danos a propriedade, ele afirma que os melhores alvos são as grandes empresas corporativas. Para ele, as pessoas não se dão conta do que está acontecendo com mundo, ele questiona durante as entrevistas: “*Porque as*



peessoas vão às ruas e tentam protestar ou fazer algo? Esta não é uma violência sem sentido. Sem sentido é ficar sentado, usando drogas, assistindo MTV e então você arranja um trabalho e se submete. Pra mim isso é violência.” e mais: “as pessoas entendem que são parte do sistema global, parte desta abusiva padronizada forma destrutiva que está acabando com todas as diferenças, toda a liberdade.”

A entrevista de Zerzan representa em *Surplus* o fio condutor das ideias de falência do sistema, onde a população é considerada apenas como consumidores. Apesar de Gandini não expressar claramente sua posição, as falas de Zerzan são frequentemente inseridas na obra e contrapostas com as falas de pessoas que simbolizam a máxima da sociedade de consumo, como os políticos já citados Silvio Berlusconi e George W. Bush e também os executivos da *Microsoft* Bill Gates e Steve Ballmer.

Dentro de *Surplus*, John Zerzan pode ser analisado como uma espécie de narrador provocativo. Suas colocações sustentam a crítica feita pelo filme acerca do domínio exercido pelas corporações transnacionais, que são responsáveis pela exploração dos trabalhadores e dos recursos naturais. Zerzan é inserido no documentário como a principal resistência ao atual sistema, suas falas são inseridas em diversos momentos do filme, sempre com posicionamentos radicais contra o sistema vigente.

O segundo entrevistado é um dono de uma fábrica de bonecas, assim Gandini traz a discussão acerca do que as pessoas podem chegar a consumir. A fábrica que cria bonecas com diversas modelagens e estilos em tamanho real é a prova da solidão que é consequência da sociedade egoísta voltada apenas para o trabalho e consumo. Esta entrevista também pode ser analisada junto à fala de Bill Gates, que novamente faz um discurso promissor quanto ao computador, ele diz que este ajudaria na união das pessoas. Pensemos então: a que ponto estamos unidos? Vivemos em uma sociedade no qual o consumo ganhou um papel tão importante que chegamos a consumir cópias sintéticas de nós mesmos e que ainda seguem padrões de beleza ditados pela mídia. Gandini estabelece assim a crítica à falência da relação entre as pessoas na sociedade, que está cada vez mais competitiva e egoísta. Ele também faz isso ao justapor imagens de trabalhadores em ginástica laboral com a fala de Zerzan sobre o distanciamento das pessoas trazido pela tecnologia moderna e sobre a imposição da eficiência e do trabalho com imagens das fábricas de bonecas, que sempre aparece acompanhada do áudio da palavra “variedade”, questionando novamente a imposição do consumo de mercadorias. Já a terceira entrevista com a Cubana Tania tem como objetivo a comparação entre o sistema consumista e não consumista. A imagem de um outdoor cubano com a frase



“consoma apenas o necessário” traz a tona a comparação com os tipos de propaganda que circulam nos países consumistas. Tania conta de sua experiência na Europa e afirma que enlouqueceu diante de tantas possibilidades de compra, possibilidades de diferentes comidas como *Mc Donalds* e *Burguer King*. Ao colocar a frase “*rice an beans*” em *looping* - arroz e feijão, base da alimentação citada pelos entrevistados cubanos - e “*Mc Donalds*” e “*Burguer King*” também se estabelece a comparação entre os sistemas. Tania é o meio que Gandini utiliza para analisar cada sistema, ele não faz juízos, apenas nos evidencia suas diferenças. Nem mesmo Tania faz conclusões, ela não diz preferir um ou outro sistema, ela apenas demonstra o choque entre eles.

Apesar de não ser entrevistado, o discurso de Fidel também ocupa um espaço notável no filme. Gandini explora seu posicionamento contra o consumismo e o atual modelo econômico mundial que afirma estar em ruínas. As imagens de Cuba também são recorrentes no filme. A primeira vista a interpretação do espectador pode levá-lo a acreditar que o filme defende o socialismo. Porém, aprofundando mais a análise na obra, é possível observar que Gandini coloca que a liberdade não reside em nenhum dos sistemas. Ao mesmo tempo em que o filme mostra Ballmer mobilizando os funcionários da *Microsoft*, também mostra Fidel discursando para as massas, mostra desfiles onde todos usam uniformes e marcham. O que Gandini parece concordar é a escolha pelo não consumismo e a garantia de que nenhum indivíduo seja refém do capital para suprir suas necessidades básicas.

A quarta entrevista a ser destacada é a do jovem de 19 anos já milionário Svante. Ele é apresentado no filme como típico da sociedade da informação. Svante representa em Surplus a ideia de que o dinheiro e a possibilidade de consumir não significam realização para as pessoas. Segundo ele, todo seu tempo é dedicado ao dinheiro e apesar da sua confortável situação financeira não se sente livre.

Nas sequências de montagem rítmica, Gandini e Södeberg utilizam da linguagem do videoclipe e da publicidade, gêneros genuinamente televisivos. Sobre o videoclipe, Thiago Soares coloca em seu artigo que este é “a união de música, imagem e montagem, consagrando-se assim como uma mídia plural” e ainda “agrega conceitos que regem a teoria do cinema, abordagem da própria natureza televisiva, ecos da retórica publicitária e dos sistemas de consumo da mídia popular massiva” (SOARES, 2004). Ken Dancynger afirma que o videoclipe “evita objetivos tradicionais da montagem, inclusive a narrativa linear (DANCYNGER, 2007, p.202). O videoclipe



carrega suas origens como meio de propaganda da cultura pop e está diretamente ligado com a MTV, emissora norte-americana que surgiu nos anos 1980 contendo inicialmente em sua programação apenas videoclipes.

No videoclipe, os planos são unidades independentes, utilizados com a finalidade de confrontar ideias. Sendo assim, podemos relacionar o videoclipe com as ideias cunhadas por Sergei Eisenstein, que afirmou como base de sua montagem a justaposição e conflito entre dois planos, que geram no espectador um terceiro conceito. Thiago Soares afirma:

O videoclipe, agrega, portanto, os conceitos de conflito gerador de ideia, a partir da semiótica russa de Eisenstein, além de ocupar um lugar na esfera midiática como um objeto marcadamente desarmônico. E é pelo fato de ser desarmônico que o videoclipe rege tantas noções existentes na sociedade contemporânea. (SOARES, 2004)

Sobre o videoclipe e os ideias de Eisenstein, Arlindo Machado também faz colocações:

O tempo demonstrou que as ideias de Eisenstein para um espetáculo audiovisual de conceitos e sensações eram mais adequadas ao vídeo do que ao cinema. A imagem do vídeo, estilizada, reduzida ao essencial, pede um tratamento significante no plano sintagmático, pede que se pense a articulação dos planos como um trabalho de escritura, uma escritura com imagens, à maneira do ideograma chinês. (MACHADO, 1997, p.196)

A escritura com imagens realizada por Gandini e Södeberg encontram sua base nas ideias centrais do teórico e cineasta russo. A justaposição de imagens e o conflito entre os planos para gerar um novo significado são de uso constantes na obra. O tempo todo somos levados a comparar os ideais do consumismo e do não consumismo. O documentário tem como elemento do discurso o contraponto de ideias. Uma das sequências mais interessantes é a que trabalha o dualismo entre os ideais de George W. Bush e a de John Zerzan. Enquanto o primeiro fala “*não podemos deixar o terrorismo alcançar o objetivo de amedrontar nossa nação até o ponto onde nós não... Onde pessoas não compram*” Gandini faz com que o segundo intervenha com a frase “*o desejo de consumir te aterroriza. Estamos aterrorizados em ser consumidores*” e assim continua intercalando as falas de Bush e Zerzan, que de tão ritmados com a trilha parecem estar cantando - a sequência toma por completo forma de videoclipe. Nesta sequência, Gandini também insere uma fala de Fidel sobre as abusivas propagandas. As



imagens que vemos - também completamente ritmadas - são dos próprios donos das falas intercaladas com trabalhadores em situação de exploração, vitrines, carrinhos de compra, elementos da circulação do dinheiro e do trabalho excessivo. Reisz e Millar afirmam que "a justaposição de som e imagem é tal que os dois fatores independentes produzem algo inteiramente novo, que nenhum dos dois possuía isoladamente" (RESZ, MILLAR, 1978, p. 159).

Após estabelecer um embate de ideias, o filme subverte o argumento de Bush a partir da manipulação do áudio, Gandini faz Bush dizer “*nós teremos um novo mundo onde as pessoas não compram*”. Tudo o que vemos na tela a partir deste momento remete a publicidade. A frase de Zerzan “*o desejo de consumir te aterroriza*” é colocada em *looping* enquanto a imagem de um trabalhador permanece na tela, até que este recebe a partir de recursos videográficos, uma margem que o insere dentro de um anúncio publicitário. O que Gandini coloca em questão nesta sequência é o que também foi analisado por Nicolau Sevcenko:

A força de sedução das novas técnicas publicitárias explorou até os limites as técnicas comunicacionais, intensificando sua capacidade de gerar apelos sensuais e sensoriais, associados a fantasias que envolvem desejos de poder, posse, preponderância, energia, vitalidade, saúde, beleza e juventude eterna. Todas essas projeções, por mais aberrantes e inverossímeis, a publicidade sugere que podem ser atingidos, na proporção direta do poder de consumo de cada um e na proporção inversa de limites de seu crédito bancário. (SEVCENKO, 2001, p.47)

E completa:

“Essas pressões consumistas, intensificadas pelas estratégias publicitárias, se tornam assim a força motriz a multiplicar os anseios presentistas tanto no plano econômico como no político, o que acarreta uma convergência cada vez maior entre os interesses e modos de ação das empresas e dos grupos políticos, que passam a tratar a sociedade civil sobretudo como mercado consumidor de mercadorias e serviços.” (SEVCENKO, 2001, p.47)

Ao colocar um trabalhador emoldurado de um anúncio publicitário, Gandini abre a discussão justamente para a forma como o indivíduo é tratado pelo governo e grandes corporações mundiais. Para reafirmar a presença invasiva da publicidade e da televisão e principalmente o domínio das grandes corporações na política e na economia mundial, uma espécie de comercial é criado a partir das imagens de Bush, Bill Gates, Vladimir Putin, entre outros. Neste trecho, o áudio ligado as imagens é “*neste momento, as*



“pessoas no mundo podem sentir o poder das grandes corporações multinacionais que é quem está começando a governar o mundo realmente”, ouvimos também inserções de palmas de platéias, como se aplaudissem o discurso.

A montagem é tão sincronizada que realmente faz parecer que os principais símbolos do capitalismo discursam sobre a invasão publicitária e o excessivo incentivo ao consumo. Porém, na verdade, o que ouvimos é o posicionamento do ativista Kalle Lasn. É por meio da subversão que Gandini esclarece ao espectador seu ponto de vista, ele faz por meio da manipulação eletrônica de imagem e som o consumismo criticar o próprio consumismo.

Outra crítica feita pelo filme é a ideia de que as grandes corporações trazem o desenvolvimento. Esse argumento também é construído a partir da inserção de pequenos cliques. Neste, o personagem principal é Steve Ballmer da *Microsoft*, que grita a palavra “desenvolvimento” calorosamente em uma palestra de mobilização corporativa. As imagens de Ballmer são alternadas com imagens de trabalhadores em situações precárias. A mixagem da fala de Ballmer faz parecer que este está cantando a palavra “desenvolvimento” e também é alternada com as palavras de Lasn, que prevê um colapso ao atual sistema. A partir desta sequência, Gandini põe em cheque a validade e os benefícios da sociedade de consumo.

Gandini também intercala planos de Ballmer que grita “*eu amo esta companhia!*” com planos de trabalhadores em ginástica laboral. A crítica estabelecida aqui consiste na exigência de que o trabalhador seja produtivo ao máximo, para que seja preparado para produzir e render mais e mais. Na sequência, os trabalhadores parecem dançar ao ritmo da voz de Ballmer e das batidas da música. Em seguida, as palavras de Ballmer são sincronizadas com a imagem de Fidel, o que mais uma vez sugere a comparação entre as formas manipulação de cada sistema.

O documentário também cria uma sequência na Índia, em um local cujo quarenta mil trabalhadores catam sucata de navios para reciclagem. Neste trecho, o espectador fica diante do precário local de trabalho e dos próprios trabalhadores. Em seguida, volta com as imagens do protesto de Gênova e com a fala de Zerzan sobre protestos a partir de danos as propriedades. Segundo Zerzan, protestar com faixas não chama atenção das pessoas, mas quando as pessoas lutam e destroem propriedades como lojas e carros a situação fica diferente, isso sim chama a atenção. Neste trecho o filme faz uma crítica



direta à impotência dos Estados e da sociedade diante das grandes corporações que lucram a partir da exploração excessiva dos trabalhadores:

As grandes empresas adquiriram um tal poder de mobilidade, redução de mão-de-obra e capacidade de negociação - podendo deslocar suas plantas para qualquer lugar, onde paguem os menores salários, os menores impostos e recebem os maiores incentivos -, que tanto a sociedade quanto o Estado se tornaram seus reféns. (SEVCENKO, 2001, p. 31)

A sequência final do filme é composta por imagens de grandes depósitos de lixo. Ouvimos a frase “*um novo mundo*”, o que nos leva a pensar que o atual sistema no qual apenas consumimos e nada reaproveitamos, nos levará a um mundo degradado, esse sim será o novo mundo. A voz de Lasn volta a narrar a montagem rítmica, mas não é Lasn quem vemos falar, as frases são sincronizadas com a imagem de Bush que parece falar a partir da dublagem “*eu não quero o carro da moda, eu não quero comer Big Mac*” e “*quero ter uma vida simples e satisfatória*”.

A crítica do filme dirige-se também ao presentismo adotado por nossa sociedade. Ele alerta que as consequências de todo o excesso de exploração dos recursos, da produção de lixo, do consumo, das indústrias trarão consequências trágicas para as próximas gerações. Fica claro que *Surplus* é uma obra cujo principal objetivo é discutir sobre a sociedade de consumo e seus impactos. Com uma narrativa não linear e completamente influenciada pelos meios televisivos - que também são alvos da crítica do filme, Gadini utiliza os próprios meios capitalistas e seus principais representantes para protestarem contra si mesmos, isso porque ele aponta que o próprio sistema se destruiu e está destruindo o mundo.

REFERÊNCIAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

REISZ, Karel. MILLAR, Gavin. **A Técnica da Montagem Cinematográfica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida Para o Século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e Pós-cinemas**. São Paulo: Papirus, 1997.



SOARES, Thiago. Videoclipe, o elogio da desarmonia: Hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação. 2004.

DANCYNGER, Ken. Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo: história, teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

